

Corpo, sexualidade e religião: do corpo grego ao corpo cristão, um longo caminho de repressão.

Antônio Maspoli de Araújo Gomes¹

Introdução

O corpo humano é construído socialmente e historicamente determinado: Tem uma história e conta uma história. A história do corpo confunde-se com a história da filogênese humana, isto é; com a história do desenvolvimento da espécie. E reflete, de certo modo, a história social da humanidade. Neste sentido, repercute, também sobre o corpo, as contribuições das representações sociais construídas a partir das crenças e idéias religiosas. Esta assertiva é absolutamente válida quanto às representações do corpo no cristianismo as quais foram edificadas a partir da teologia cristã. Já, a história contada pelo corpo, na ontogênese, no desenvolvimento do indivíduo, reproduz de certo modo, a história da filogênese e incorpora o repertório de representações coletivas oriundas de uma determinada cultura num determinado intervalo de tempo, isto é; o corpo é histórico. Ele carrega consigo, na história do corpo individual, de um determinado indivíduo, a história do corpo da humanidade, do corpo da espécie. Esta afirmação torna-se válida também quanto à sexualidade humana. O homem exerce a sexualidade num espaço de tempo determinado atravessado pela economia, a política, teologia e, em certo sentido, pela religião. Estes fatores combinados determinam suas crenças sobre o corpo humano e sua práxis sexual.

¹ Antonio Maspoli de Araújo Gomes. Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Pós-doutor em História das Ideias pelo IEA da USP. Membro do Laboratório de Psicologia Social Estudos da Religião da USP. Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Fundador da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutorando em Psicologia Clínica pela PUC SP – Orientadora: Denise Gimenes Ramos. E-mail: antoniomaspoli@uol.com.br. Site: drantoniomaspoli.com.br

O tema do corpo no cristianismo protestante tem despertado pouco interesse dos pesquisadores no Brasil. Aqueles que pesquisam este assunto ainda são, em sua maioria, ligados às denominações protestantes, e por esta razão, dedicam seus estudos mais aos verbetes da enciclopédia teológica do que propriamente a formulação de uma teologia do corpo. Uma teologia do corpo parece não encontrar lugar nesta enciclopédia. E a tentativa de inserir o corpo nas pesquisas teológicas ocorre pela via da teologia adjetivada, da teologia pastoral. No protestantismo brasileiro, a teologia prática reflete a práxis do pastor e vincula-se a tradição denominacional e ao discurso oficial de uma determinada confissão protestante. Isto, certamente, contribui para desestimular os estudos e pesquisas sobre o corpo e a sexualidade. Estas considerações trazem algumas questões à baila para reflexão: Quais as origens cristãs das representações do corpo e da sexualidade na Igreja Primitiva?

O termo *representações sociais*, neste trabalho, será utilizado na mesma acepção dada por Durkheim,² Moscovici,³ Jodelet,⁴ e Berger,⁵ Geraldo Paiva e Wellington Zangari,⁶ isto é, aquelas representações coletivas geradas pelas crenças de um determinado grupo, no contexto de uma cultura, e que servem para organizar o conhecimento do senso comum responsável pela dinâmica da vida cotidiana. Tais representações podem ser geradas pelas crenças religiosas, pelas crenças científicas, através da mídia, por meio da empresa, por intermédio da família e até nas relações *face to face*. Nesta pesquisa trabalharemos com aquelas representações veiculadas nos livros sobre o corpo e a sexualidade que circulam no protestantismo brasileiro.

² E. DURKHEIM. As formas elementares da vida religiosa.

³ S. MOSCOVICI. As representações sociais da psicanálise.

⁴ D. JODELET. Représentations sociales: phénomènes, concept et théorie In: MOSCOVICI, S. Psychology Sociale.

⁵ P. BERGER. O dossel sagrado.

⁶ G.J. PAIVA E W. ZANGARI et alli. A representação na religião, perspectivas psicológicas.

Destacamos, neste trabalho, as contribuições para o estudo do corpo e da sexualidade, numa perspectiva protestante, dos pesquisadores Zenon Lotufo Júnior⁷, *Corpo e dimensão espiritual*; Prócoro Velasques Filho,⁸ *Sobre comportamento protestante*; Jaci C. Maraschin,⁹ *Fragmentos, harmonias e dissonâncias do corpo Tolentino Rosa*¹⁰, *Religião e sexualidade* e; mais recentemente, o trabalho de Robinson Cavalcanti,¹¹ *Libertação e Sexualidade*.

O objetivo desse trabalho consiste em compreender as representações sobre o corpo e a sexualidade na patrística.

O Corpo nas Representações dos Pais da Igreja do I ao IV Século

Jean Pierre Vernan¹² apresenta o corpo do cidadão grego como legítimo representante do ideal da virtude que traduzia, na beleza das formas perfeitas, o sentimento produzido pela *alhetéia*, a verdade revelada pela natureza. O corpo grego era considerado o principal instrumento de construção e defesa da *polis* e por esta razão, deveria ser modelado pela prática dos esportes e pela arte da guerra. Este corpo, todavia, era considerado neutro em relação à sexualidade posto que o homem grego não conhecia o conceito de pecado sexual tal como formulado pela teologia cristã. Com algumas modificações,

⁷ Z. LOTUFO JÚNIOR, *Corpo e dimensão espiritual*. In: *Religião e psicologia*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1985.

⁸ P. VELASQUES FILHO, *O comportamento protestante*. In: *Religião e psicologia*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1985.

⁹ J.C. MARASCHIN, *Fragmentos das harmonias e das dissonâncias do corpo*. In: *Religião e Psicologia*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1985.

¹⁰ T. ROSA, *Religião e expressão da sexualidade*. In: *Religião e psicologia*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1985.

¹¹ R. CAVALCANTI, *Libertação e sexualidade*.

¹² J.P. VERNAT. *Entre mito e política*.

as representações sobre o corpo na sociedade grega foram incorporadas pelo Império Romano.

A conversão do corpo helênico, moldado nos padrões de beleza grego romano, no corpo judaico cristão, obedeceu a um longo processo de transformação que durou mais de quatro séculos, do século I ao IV século d.C. O historiador Peter Brown¹³ realizou um mapeamento desta transformação utilizando como pedra de toque o que ele denominou de princípio da renúncia sexual permanente - a continência, o celibato e a virgindade perene – que se desenvolveu nos círculos cristãos deste período.

O corpo no cristianismo século I é marcado por dois fatores: a esperança escatológica dos primeiros cristãos e a teologia do Apóstolo Paulo. Os cristãos aguardavam a segunda vinda de Cristo com a conseqüente manifestação visível do reino de Deus. Esta esperança messiânica compungiu-os a deixar tudo: bens, família, trabalhos, lazer e etc. Em virtude de viveram a expectativa da *parussia*: a volta triunfante de Cristo. Outro aspecto que marcou o imaginário cristão reporta-se a teologia paulina sobre o corpo. Paulo apresenta o corpo como um objeto paradoxal. Se por um lado o corpo é alçado à condição de templo do Espírito Santo, por outro, é marcado pela *carne*, a natureza adâmica decaída. Esse dualismo Paulino moldou o pensamento da patrística e reverbera até hoje nas imagens que o protestantismo cunhou sobre este tema. São Paulo: “ Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne. Pois o querer o bem está ao meu alcance, não, porém o praticá-lo. (...) Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Graças seja dada a Deus por Jesus Cristo Senhor nosso.”¹⁴ O grande problema sobre o qual se

¹³ P. BROWN. Copo e sociedade, o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo.

¹⁴ S. PAULO. Romanos, capítulo 7:18; 25

debruçaram os exegetas da Igreja Primitiva foi definir o que significava *carne* neste paço das Sagradas Escrituras. Para alguns, que seguiam a interpretação literal, a *carne* significa o corpo humano, para outros, que utilizavam a interpretação metafórica, a carne bem poderia significar a natureza humana decaída. Até Santo Agostinho, no século IV prevaleceu a interpretação literal na qual a carne estava identificada com o corpo humano. Somente a partir da exegese realizada por Agostinho e dos teólogos que o sucederem a palavra *carne* que aparece em Romanos¹⁵ recebeu a conotação de natureza humana. No entanto, o problema da maldade da carne apontada por Paulo neste texto ainda não estava resolvida: o corpo está incluído na natureza humana pecaminosa. A interpretação corrente no universo protestante afirma que aqui aparece uma antítese entre o espírito e a carne. O espírito humano estaria ligado as suas origens celestiais e o corpo humano umbilicalmente preso as suas origens terrestres conforme Gênesis: “Então *laweh* Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas o hálito da vida, e o homem se tornou um ser alma vivente.”¹⁶

Por outro lado, a *carne* em Paulo, foi cumulada de uma superambundância de noções superpostas, tornando-se cada vez mais complexa à compreensão do homem comum, do senso comum, que fora atraído pelo cristianismo. A imagem carregada de sua linguagem confrontou todas as eras posteriores como um teste projetivo: é possível aquilatar, na exegese repetida de uma simples centenas de palavras das epístolas de Paulo, o rumo futuro do pensamento cristão sobre a pessoa humana. Na época, Paulo reuniu associações que um pensador menos impetuoso talvez mantivesse separadas. A guerra do espírito contra a carne e da carne contra o espírito, no pensamento do Apóstolo, expressando a imagem da resistência humana à vontade de Deus, da desobediência de Adão e

¹⁵ *Ibidem*, capítulo 7:5; 14; 18; 28.

Eva. Paulo não postulava o corpo humano em si como causa única desse mal tão terrível. A causa encontrava-se na natureza humana decaída do casal primevo. Convém lembrar que Paulo era um mestre instruído, tendo sido reconhecido como Rabi, antes da sua conversão e seu encontro pessoal com o Cristo na Estrada de Damasco tal como consta do relato em Atos Capítulo ¹⁷.

Qualquer que fosse sua causa, o doloroso conflito entre o corpo e a alma, era uma realidade da vida-muitos dos pecados que lhe eram mais repugnantes – em particular, a luxúria, como expressão de uma sexualidade desregrada e a embriaguez – provinham, obviamente, da rendição às exigências do corpo. Esses pecados não esgotavam a sua complexa idéia da carne. Por mais que a teologia cristã queira abrandar o pensamento de Paulo sobre o corpo, como o fez Karl Barth em seu *Comentário aos Romanos*, o corpo Paulino já havia sido estigmatizado pela Igreja como habitação da maldade humana. Karl Barth: “Lembremos-nos o que ‘a carne’ significa: mundanidade desqualificada; (vista justamente pela criatura religiosa) carne é a definitiva e inqualificável mundanidade. ‘Carne’ quer dizer relatividade, nulidade, contra-senso, falta de sentido.” ¹⁸

Cabe registrar que a melhor solução para a interpretação do sentido da *carne* no pensamento do Apóstolo Paulo continua sendo aquela formulada por Santo Agostinho, Bispo de Hipona, para quem a carne foi interpretada de forma holística para significar o homem em sua totalidade:

De acordo, porém, com o sentido da Escritura, uns e outros vivem segundo a carne. Com efeito, não chama carne apenas ao corpo do animal, terrestre e mortal, como quando diz: Nem toda carne é a mesma carne, mas uma é a carne do homem, outra a da besta, outra a das aves e outra a dos peixes, mas a essa palavra dá outras

¹⁶ GÊNESIS, capítulo 2:7.

¹⁷ LUCA. Atos do Espírito Santo através dos Apóstolos, capítulo 9.

¹⁸ K. BARTH, Carta aos Romanos, pp.408.

muitas acepções. Algumas vezes chama carne ao homem, quer dizer, à natureza humana, tomando o todo pela parte. ”¹⁹

Nunca foi simples para o homem comum que fora atraído para as comunidades cristãs pela mensagem dos evangelhos de Cristo apreender tão complexa construção teológica. Para este, se o corpo era em si mesmo uma natureza fraca, pecaminosa, estava aprisionado a sombra de uma força poderosa, o poder da carne. Todavia, a fragilidade física do corpo, sua propensão à morte e o inegável pendor de seus instintos para o pecado representado pela sexualidade serviram a Paulo como uma metáfora da natureza humana pecaminosa rebelada contra a obediência exigida por Deus:

Nas cartas de Paulo, o corpo humano nos é apresentado como numa fotografia batida contra o sol: trata-se de uma silhueta negra cujas bordas estão inundadas de luz. Percível, fraco, 'semeado na desonra', 'carregando sempre a morte de Jesus' em sua vulnerabilidade aos riscos físicos e à amarga frustração, o corpo de Paulo era realmente um 'vaso de argila'. No entanto, já refulgia com certa dose do mesmo espírito que erguera da sepultura o corpo inerte de Jesus: 'para que a vida de Jesus possa manifestar-se em nossa carne mortal. ’²⁰

Paulo escreveu sobre o casamento e a sexualidade em diversos textos de suas Epístolas. Destaca-se aqui I Coríntios 7.²¹ Nesta passagem, Paulo apresenta a sexualidade como uma concessão divina no casamento, porém estabelece a igualdade entre os sexos nas relações sexuais. Paulo:

Passemos aos pontos sobre os quais me escrevestes. É bom ao homem não tocar em mulher. Todavia, para evitar a fornicação, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido. O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa; e a mulher faça o mesmo em relação ao marido. A mulher não dispõe do corpo; mas é o marido que dispõe. Do mesmo modo, o marido não dispõe do seu corpo; mas é a mulher quem dispõe. Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo e por algum tempo, para que vos entregueis as orações; depois disso, voltai a unir-vos, a fim

¹⁹ S. AGOSTINHO, A cidade de Deus contra os pagãos pp. 132.

²⁰ Ibidem, pp. 49

²¹ S. PAULO. I Coríntios 7:1-6.

de que Satanás não vos tente mediante a vossa incontinência. Digo isso como concessão e não como ordem. (Sic)²²

O Apóstolo Paulo, um celibário por opção voluntária, coloca o casamento como concessão divina. E por outro lado, afirma não haver restrições para a prática da sexualidade no leito conjugal. No entanto, o cerne e a novidade deste texto é a igualdade sexual na relação entre os sexos. Marilena Chauí: “O Apóstolo introduz uma inovação sem precedentes, face à antiguidade: a igualdade sexual. Embora diga que a mulher deve obediência ao marido, no tocante ao sexo, a igualdade é a regra.”²³ Fica evidente no pensamento de Paulo que a sexualidade entre marido e mulher é algo que deve ser resolvido entre iguais, sem a interferência de terceiros. A regra de ouro estabelecida pelo Apóstolo dos Gentios para nortear a prática da sexualidade é o respeito mútuo a integridade, as necessidades e limites do parceiro (a).

O século II foi pródigo na representação do corpo humano e da sexualidade. Estes foram considerados como representantes da maldade inerente à natureza humana em sua luta insana contra Deus. Dentre os autores que mais influenciaram o pensamento cristão sobre o corpo e a sexualidade neste período destaca-se Hermas, o pastor, Orígenes e Valentino. Com algumas variações, estes autores construíram seu pensamento a partir da concepção do corpo como mal e conseqüentemente como a genuína habitação do pecado. O pecado passou a ser representado pela prática do ato sexual, inclusive no casamento abençoado por Deus e pela própria Igreja. Estes patriarcas vislumbraram nas concepções paulinas do corpo como templo do Espírito Santo, um objetivo a ser alcançado nesta vida pela abstinência e elegeram a renúncia sexual como método supremo nesta

²² Ibidem.

²³ M. CHAUI, A repressão sexual essa (des) conhecida, pp. 91.

tarefa.

Transformar-se no templo do Espírito Santo torna-se o objetivo do cristão. Para atingir esta consecução, o corpo deve ser sacrificado pela abstinência, pela renúncia sexual, pela pobreza voluntária e pela penitência. Para tanto, o corpo deve ser privado de qualquer atividade sexual: o beijo, o abraço, o ato sexual, o toque de mãos, e até a visão do próprio corpo foram proibidos. Estas concepções foram cristalizadas no gnosticismo e posteriormente no maniqueísmo. O primeiro pregava a salvação através do conhecimento. Para conhecer, isto é, alcançar a gnose, o homem deve trilhar o longo caminho da purificação espiritual. A via da purificação deve começar pelo seu corpo que é considerado mal. O gnosticismo se constituiu numa dissidência do cristianismo e influenciou profundamente as concepções do corpo do segundo século. Na representação dos gnósticos, especialmente de Valentino, o corpo passa a ser considerado como aquele elemento mal necessário para equilibrar a bondade do espírito que nele habitava. O corpo era um elemento absolutamente estranho ao verdadeiro eu. Os gnósticos não viam oposição entre a luz e as trevas. O gnosticismo acreditava, contudo, na supremacia da luz sobre as trevas, do macho sobre a fêmea e do espírito sobre o corpo. Então, pregarem também sobre a necessidade da superação dos desejos sexuais pela abstinência como forma de purificação espiritual e santificação.

Ainda no II século Clemente de Alexandria apresenta o corpo como um mal necessário e a sexualidade cristã como uma concessão no casamento. Clemente escreve uma obra vasta: *Exortação aos pagãos, do Paidagogos, do Stromateis, Miscellanies, A salvação do homem rico, Contra os judaizantes. Do Paidagogos*, é um livro de boas maneiras que dá início a pedagogia sexual no cristianismo. Descreve

minuciosamente como deve ser o comportamento do cristão à mesa e especialmente à cama. Clemente detalha o que deveria ser permitido ao casal cristão no ato sexual. Peter Brown: “O *Paidagogos* foi escrito para dizer como cada um de nós, devemos nos conduzir em relação ao corpo, ou melhor, como regular o próprio corpo”.²⁴

Século III. Orígenes relacionou sua doutrina da abstinência sexual com a teologia paulina do corpo como templo do Espírito Santo e do cristão como membro do corpo vivo de Cristo. Na concepção deste, aqueles que subjugam a carne ganham como prêmio a morada de Deus em seus corações, tornam-se o templo do Espírito Santo e nesta condição membros do corpo vivo de Cristo. Orígenes:

Vede agora como tendes progredido desde a condição de ínfimas criaturas humanas sobre a face da terra. Tendes progredido para vos transformardes num templo de Deus, e vós, que éreis mera carne e osso, chegastes tão longe que sois um membro do corpo de Cristo.²⁵

Século IV- Desde o final do século III e início do IV século, temos o surgimento dos padres do deserto. A sexualização do pecado e o controle da Igreja sobre o corpo havia chegado ao auge com o maniqueísmo. Mani, seu fundador, teve aos doze anos de idade em Ctésifon, às margens do *Rio Tigre*, em 228/9, a primeira de uma série de visões que daria sustentação a sua doutrina. O cerne da sua doutrina é uma visão dualista radical: o bem, representado pela luz, em luta permanente contra o mal, representado pelas trevas. A aplicação do maniqueísmo sobre o corpo afirma que o espírito é bom e o corpo é mal.

²⁴ Ibidem, pp. 113

²⁵ ORÍGENES, apud P. BROWM. Ibidem, pp.155.

Um número cada vez maior de cristãos acreditava que só o deserto era neutro e capaz de domar os desejos pecaminosos do corpo e para lá afluíram. Nos lugares montanhosos fixaram suas moradas. Celas simples e parca alimentação, beirando a miséria, só com o necessário para manter a vida do corpo. O ideal do sofrimento e do sacrificio no Cristianismo foi levado ao extremo. Dentre os padres do deserto que mais contribuíram para o desenvolvimento de uma tecnologia para a mortificação e glorificação do corpo, destaca-se Pacômio. Este, na realidade, desenvolveu os rituais de controle do corpo e dos desejos carnis a fim de chegar à perfeição adâmica, como demonstra o *Paralipomena de Pacômios*:

Assim irmãos, deixai que a alma ensine a sabedoria a este corpo obtuso todos os dias, ao nos deitarmos à noite, e que diga a cada membro do corpo: 'Oh pés, enquanto tendes o poder de vos firmar e locomover, antes que sejais prostrados e fiqueis imóveis, erguei-vos animadamente para vosso Senhor. ' Às mãos, que ela diga: ' chegará o momento em que ficareis frouxas e imóveis, atadas a uma à outra (cruzadas sobre o peito), (...) e assim, antes que pendais nessa hora, não cesseis de vos estender para o Senhor. ' ²⁶

Registra-se, todavia, que o resultado esperado é a absoluta domesticação do corpo humano, como demonstra o chamado *Tratamento de Desabituação* mediante o qual o asceta arrancava do corpo todos os desejos representados pela sua excessiva dependência anterior dos alimentos e da satisfação sexual. A pulsão sexual era domada e, às vezes, extirpada. No final do processo, o monge adquiria o aspecto gerado pela repressão dos desejos da carne, seja o de alimentar-se, copular, divertir-se ou mesmo rir. O monge ficava domesticado, obediente, manso, auto centrado, com o domínio sobre todas as suas emoções, todos os desejos. A tecnologia adotada neste processo de santificação aparece com toda sua força na *Carta a um Amigo de Filoxeno* de Mabug:

Aumentai-lhe, se vos aprouver, o jejum, dos sabás, ou a vigília da noite, ou a leitura ininterrupta, e o corpo não adoecerá, pois ter-se-

²⁶ PACÔMIO, Apud P. BROWN, *Ibidem*, pp. 189.

á acostumado a eles. O estômago ter-se-á reduzido(...) as vias sanguíneas ter-se-ão estreitado e só terão exigências moderadas. Os rins terão adquirido sua saúde natural e não necessitarão de muito calor. O muco terá sido retirado de todos os ossos, e em decorrência da pequenez do corpo, eles não serão enfraquecidos ou prejudicados pela vigília excessiva. ²⁷

O quarto século da era cristã é marcado pelo pensamento teológico de Santo Agostinho, Bispo de Hipona. Este, não só constrói as bases para a sistematização da teologia cristã em sua obra como reformula as concepções sobre o corpo e a sexualidade. A obra teológica de Agostinho é vasta. A teologia do corpo e da sexualidade aparece em quase todas e *As Confissões*, ²⁸ *A Cidade de Deus*²⁹ *Comentário Literal Sobre Gênesis*. ³⁰ *Do Bem Conjugal e da Santa Virgindade*,³¹ dedica parte das teses agostinianas a este tema. Em Agostinho, o corpo deixa de ocupar o lugar de lobo mau da espécie, onde o tinham colocado as concepções gnósticas e maniqueístas, para tornar-se parte indissolúvel e importante da pessoa humana. Agostinho percorre um longo caminho de reflexão sobre o corpo, rompe com a tradição dos Pais do Deserto que considerava o corpo e a sexualidade intrinsecamente mal e culmina com o ensino segundo o qual o cristão deve amá-lo e não odiá-lo. Agostinho:

Deixai que eu vos expresse isso ainda mais intimamente. Vossa carne é como vossa mulher (...) Amai-a, repreendei-a; deixai que ela componha um só vínculo de corpo e alma, um vínculo de concórdia conjugal (...) Aprendei agora a dominar o que recebestes como um todo uno. Deixai que ela sofra a escassez agora, para que então possa desfrutar da abundância. ³²

Agostinho reformula a noção de pecado original. Ele desvincula o sexo do pecado original e coloca a vontade humana como o centro

²⁷ MABUG. Apud, P. BRONW. Ibidem, pp.191.

²⁸ S. AGOSTINHO. As confissões.

²⁹ S. AGOSTINHO. A cidade de Deus contra os pagãos.

³⁰ S. AGOSTINHO. Comentário literal sobre Gênesis.

³¹ S. AGOSTINHO. Do bem conjugal, da viuvez e da santa virgindade.

³² S. AGOSTINHO. Apud P. BRONW, pp. 350.

da rebelião contra Deus. O que o homem deve controlar é a sua vontade, esta é a fonte de todas as virtudes e todos os males. O pecado original consistiu na desobediência a uma ordem divina: o homem e sua mulher não deveriam comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal conforme Gênesis: “E laweh Deus deu ao homem este mandamento: Podeis comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer”³³.

Agostinho escreveu sobre a vida sexual dos cristãos e desloca o foco da abstinência sexual obrigatória, inclusive no casamento, para a abstinência voluntária própria da vocação religiosa. Além da necessidade de procriação, a sexualidade ganha outra função: as relações sociais. A sexualidade deveria pavimentar a estrada da amizade e do companheirismo entre os sexos e servir de modelo para as relações interpessoais. Para o Bispo de Hipona, o ato sexual é anterior à queda. Neste ponto, Agostinho rompe com a tradição patrística e estabelece as condições necessárias para que a cristandade passasse a ver a sexualidade como natural, inerente ao próprio corpo humano e sujeito às leis biológicas próprias Agostinho:

É verdade haver muitas classes de libido; quando, porém, se diz simplesmente libido, sem mais nada, é costume quase sempre entender-se a que excita as partes sexuais do corpo. E é tão forte, que não apenas domina o corpo inteiro nem só de dentro para fora,mas também põe em jogo o homem todo, reunindo e misturando entre si o afeto e o ânimo e apetite carnal, produzindo desse modo a voluptuosidade, que é o maior dos prazeres corporais. Tanto assim, que, no momento preciso em que a voluptuosidade chega ao cúmulo, se ofusca por completo quase toda a razão e surge a treva do pensamento.³⁴

Agostinho foi o primeiro a formular uma psicologia sexual da libido quando escreveu sobre a autonomia psíquica da libido como causa da impotência e da frigidez. Com esta proposição, a sexualidade

³³ Gênesis, capítulo 3:16-17.

foi efetivamente retirada do eixo puramente espiritual da literatura teológica e posta no âmbito dos fenômenos psicossomáticos. Tanto na impotência, quanto na frigidez, a vontade era escarnejada pelo corpo com a mesma sem-cerimônia do gozo incontrolável do orgasmo, a libido não serve a libido e volta-se contra si mesma num movimento de introversão. Santo Agostinho:

Assim, coisa estranha, a libido não somente se recusa a obedecer ao desejo legítimo de gerar, mas também ao apetite lascivo. Ela, que de ordinário se opõe ao espírito que a enfreia, às vezes, se resolve contra si mesma e, excitado o ânimo, se nega a excitar o corpo.³⁵

Considerações Finais

A patrística marcou o corpo humano de forma indelével. O corpo grego marcado pela estética e pelo prazer, transmuta-se no corpo cristão, marcado pelo sofrimento pela abstinência sexual. Essa transformação transcende os muros da Igreja cristã e adquire contornos no processo de repressão que vitimará o corpo humano em toda a idade média. As posições de Santo Agostinho sobre o corpo nunca foram consideradas diante da hegemonia do pensamento maniqueísta e gnosticista sobre o corpo humano.

Pesquisas precisam ser desenvolvidas sobre a influência do pensamento religioso cristão sobre o corpo e a sexualidade. Uma teologia do corpo seria bem vinda.

³⁴ *Ibidem*, pp.156.

³⁵ *Ibidem*, pp.156.

Bibliografia

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. SÃO Paulo: Edições Paulinas, 1985.

AGOSTINHO, Enarratio em Psalmum 122. trad. Para o inglês in MaryT.Clark, trad.,Augustine of Hippo: Selected Writings, Nova York: Paulist Press, 1984.

_____. *Dos bens do matrimônio. A santa virgindade. Dos bens da viuvez:Cartas a Proba e a Juliana.*Tradução: Vicente Rabanal e Nair de Assis Oliveira. SãoPaulo: Paulus, 2000.Volume 16.

_____. *A cidade de Deus contra os pagãos.* Tradução de Oscar Paes leme. Petrópolis, RJ: Vozes em co-edição com a Federação Agostiniana Brasileira, 1990. Parte II.

_____. *Confissões.De Magistro, do Mestre.* Tradução: J. Oliveira e Ângelo Ricci. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

_____. *Comentário de Gênesis.* Tradução: Vicente Rabanal e Nair de Assis Oliveira. SãoPaulo: Paulus, 2005. Volume 21..

BARTH, Karl. *Carta aos Romanos.* Tradução e comentários: Lindolfo K. Anders. São Paulo: Novo Século, 2002.

BASTIAN, Jean Pierre. Protestantismos e modernidade latino americana. História de uma minoria religiosa activa em América Latina. Tradução: José Esteban Caldéron. México: Editora Fundo de Cultura, 1994.

BAXTER, Mary. *A divina revelação do inferno.* Tradução: José Rodrigues Filho.16. Ed. Rio de Janeiro: Danprewan Editora Ltda., 2004.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.* 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BITCHMAYA, Michael. *O crente, não seja incrédulo, mas crente.* São Paulo: Impres,1959.

BRECHEEN, Carl e FAULKNER, Paul. *O que toda a família precisa.* Tradução: Neyd Siqueira. São Paulo: Editora vida Cristã, 2000.

BROWN, Peter, *Copo e sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo.* Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BUNIN, Irving M. *A ética do Sinai. Ensinaamentos dos sábios do Talmud*. Tradução: Dagoberto Mensch. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 1998.

CALVINO, Juan. *Institución de la religión cristiana*. Traducida y publicada por Cipriano de Valera en 1597 por Luis de Usoz y. Río en 1858. Nueva edición revisada en 1967. Países Bajos: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1967. vol. I e II.

_____. *Comentário à Sagrada Escritura, Exposição de I Coríntios*. Tradução: Valter Graciano Martins. São Bernardo de Campos, SP: Edições Paracletos, 1996.

_____. The comprehensive John Calvin Colletion. Gênesis. Oregon: USA, 1998.

CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e sexualidade*. 2.ed. São Paulo: Temática Publicações, 1992.

_____. *Uma benção chamada sexo*. São Paulo: ABU, 1980.

_____. *Sexualidade - o prazer que liberta*. In: Revista Exclusividade, CEA – Ano I- Número 2. Publicação on line: www.ejesus.com.br. 23/01/06.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual, essa nossa (desconhecida)*. 12.Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

EVANS, Débora. *Guia da sexualidade da mulher cristã, você foi criada com cuidado e perfeição*. Tradução: Elizabeth Charles Gomes. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

PAIVA, Geraldo Jose e WELLINGTON, Zangari et alli. *A representação social na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004.

GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil, (educadores, sacerdotes, covos e reis)*. Tradução de Olívia Krahenbüll. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

JODELET, D. Représentations sociales: phénomènes, concept et théorie In: MOSCOVICI, S. Psychology Sociale . Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

KASPER, Walter. Et alli. Diabo,demônios, possessão.Da realidade do mal.Tradução: Silvino Arnhold,S.J. São Paulo: Edições Loyola,1992.

KENP, Jaime. *Respostas francas a perguntas honestas. Namoro Noivado, casamento e sexo.* São Paulo: Vencedores Por Cristo,1983.

KONYA, Alex. *Demônios,uma perspectiva baseada na Bíblia.* Tradução Daniel Faliosa. São Paulo: Editora Batista Regular, 2002.

LAHAYE, Tim E LAHAYE, Beverly. *O ato conjugal, orientação sexual equilibrada,clara e sem rodeios. Um manual completo para o casal.* 8.ed. Tradução:Myriam Talitha Lins. Venda Nova,MG: Editora Betânia, 1989.

LAHAYE, Tim E LAHAYE, Beverly. *O ato conjugal, depois dos 40,orientação prática para melhorar ainda mais o relacionamento sexual dos casais, não importa se já passaram dos 40,50,60...8.Ed.* Tradução:Myriam Talitha Lins. Belo Horizonte, MG: Editora Betânia, 1989.

LAWES, Frank e OLFORD, Stephen. A santidade do sexo. São Paulo: Fiel,1976.

LISBOA, Ageu Heringer. *Sexo: desnudamento e mistério, espiritualidade, instinto e cultura.* Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2001.

LOTUFO Júnior, Zen. *Corpo e dimensão espiritual.* In: In:Religião e Psicologia. São Bernardo de Campos,SP:UMESP,1985

LUTERO, Martinho. *Ética, Fundamentos, Oração, Sexualidade, Educação, Economia.* Tradução: Walter Sclupp, Ilson Kayser, Walter Altmann. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1995. Volume 5.

_____. Debates e controvérsias, I. Tradução: Ilson Kayser e Luiz Henrique Dreher. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal/Concórdia editora, S.A., 1992.

MANTEGA, Guido. Et alli, *Sexo e poder.* São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

MARASCHIN, Jaci C. *Fragmentos das Harmonias e das Dissonâncias do Corpo.* In: Religião e Psicologia. São Bernardo de Campos,SP:UMESP,1985.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir, a inserção do*

protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1995.

_____.; VELASQUES FILHO. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola e Ciências da Religião, 1990.

MONTEIRO, Simeide Barros. *O Cântico da vida. Análise de conceitos fundamentais expressos nos cânticos das Igrejas Evangélicas no Brasil*. São Bernardo do Campo, SP: ASTE/Ciências da Religião, 1991.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MUSSKOPF, Andre S. e Ströher, Marga J. *Corporeidade etnia e masculinidade. Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, 2005.

OLIVEIRA, Ana Maria Costa de. *O destino (não) manifesto, os imigrantes norte-americanos no Brasil. "We shall not pass"*. São Paulo: União Cultural Brasil - Estados Unidos, 1995.

PELT, Nancy Van. *Felizes no amor. Os segredos da vida a dois*. Tradução: Charlotte Lessa. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

READ, William, *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas, SP: Livraria Cristã Unida, 1970.

RIBEIRO. Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico. Aspectos Culturais de Aceitação do Protestantismo no Brasil (1822-1888)*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1973. 179. P.

ROSA, José Tolentino. *Religião e expressão da sexualidade*. In: Religião e Psicologia. São Bernardo de Campos, SP: UESP, 1985.

SCHILDER, Paul. *A imagem do corpo. As estratégias construtivas da psique*. Tradução: Rosane Wertman. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VELASQUES Filho, Prócoro. *Comportamento Protestante*. In: Religião e Psicologia. São Bernardo de Campos, SP: UESP, 1985.

VERNAT, Jean Pierre. *Entre mito e política*. Tradução: Cristina Murachco. 2.Ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 8. ed. São

Paulo: Pioneira, 1994.

WHEAT, Ed e WHEAT Gaye. *Sexo e intimidade, prazer sexual no casamento*. Tradução Wanda de Assunção São Paulo: Mundo Cristão,1999.

WHITE, John. *O Eros redimido. Conheça as estratégias de satanás em relação aos pecados sexuais e a redenção maravilhosa de Deus para quem O busca*. Tradução: Cláudia Ziller Faria. Niterói,RJ: Textus.